

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

Villages desertes et histoire économique. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. 6e Section". Coleção "Les hommes et la terre". 1965.

Esse grosso volume, redigido para ser apresentado ao III Congresso Internacional de História Econômica (Munique, 23-27 de agosto de 1965 (1) foi concebido, antes de mais nada, como um esboço de história geral, em escala européia. As deserções rurais, entre os séculos XI e XVIII, foram um grande acontecimento e um teste de suas atividades agrícolas.

Uma primeira parte faz o inventário rápido dos diversos métodos utilizados e a utilizar: ciências e técnicas, umas estranhas aos trabalhos ordinários dos historiadores (fotografia aérea, pedologia, palinologia), outras ao contrário (arqueologia, ou toponímia), que são suas companheiras habituais.

As três partes seguintes são consagradas: ao exemplo francês que, pela sua posição geográfica, pode ser decisivo, estabelecendo uma ligação material entre as diferentes experiências vividas: — às prospeções sumárias (Grécia, Itália, Espanha), que mostram a extensão dos recuos rurais e dos abandonos das aldeias; — enfim, aos balanços consagrados às pesquisas mais avançadas nesse domínio (alemãs, inglesas, escandinavas, polonesas...).

O leitor facilmente perceberá que esse volume ainda está incompleto, pois não diz tudo que a erudição pôs em evidência, mas vale, pelo menos, como um ponto de partida cientificamente estabelecido.

E. S. P.

*
* * *

AZEVEDO (Aroldo de). — **O mundo antigo: expansão geográfica e evolução da geografia.** São Paulo, 1965. Coleção Burití, vol. 9. 178 págs.

Deveras empolgante é a história do conhecimento do mundo. Bem andou, pois, o prof. Aroldo de Azevedo em publicar o pequeno volume, breve e substanciosa obra de síntese, na qual o conhecido geógrafo preenche uma lacuna na bibliografia em língua portuguesa. As grandes obras européias, como a do norueguês Orjan Olsen, durante muito tempo encontrável no Brasil na tradução francesa dos editores Payot, ou o admirável volume publicado por Larousse sob a direção de Charles de La Roncière, ou mesmo o pequeno volume de Kretschmer, das Edições Labor, tornaram-se raros no nosso mercado e quando encontrados, são, em decorrência da diferença cambial, marcados por preços avultadíssimos, fora do

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (Nota da Redação).

(1). — Vide Revista de História n.º 62, abril-junho de 1965, págs. 503-505.

alcance, pois, do leitor comum. E cumpre notar, ainda, que tais obras, assim como as de Paul Hermann, que vem sendo divulgadas no Brasil pelas Edições Melhoramentos, referem-se exclusivamente às explorações geográficas, deixando de lado, totalmente, a parte relativa à geografia propriamente dita.

O pequeno volume da **Buriti** é uma visão sumária, mas clara e viva, referente ao conhecimento do mundo na Antigüidade e, mais ainda, uma apanhado da evolução da ciência geográfica naquela época. Enfim, Geografia Histórica e História da Geografia é o que faz o ilustre professor da Universidade de São Paulo. Tomando como ponto de partida a bacia do Mediterrâneo, traça o Autor um esboço da lenta ampliação do horizonte geográfico e a resultante evolução da ciência geográfica. Ambos os fatos servirão para nos mostrar uma parcela daquilo que o homem conseguiu realizar em três milênios. Embora resumidas — como não poderia deixar de ser em volume de tal natureza — as páginas que o Autor consagra às causas da expansão grega, às características de suas colônias espalhadas pelo mundo mediterrâneo ou, no caso dos romanos, as características de sua expansão e colonização, transcendem a finalidade de uma descrição do mundo antigo, pois resultam numa síntese feliz que o estudante de História há de aproveitar.

A segunda parte de seu trabalho, reunindo informes mais difíceis de serem encontrados em nosso meio, o que a torna, portanto, mais preciosa, resume de maneira hábil o pensamento geográfico dos antigos. Aqui seu ponto de partida foi a própria Grécia, pois os gregos, antes de qualquer outro povo, tiveram suas preocupações voltadas para uma série de problemas de interesse vital para a ciência geográfica, muitos deles ainda de palpitante atualidade. Quer na escola jônica ou na pitagórica, vai-se definindo aos poucos um pensamento geográfico que preocupou quase todos os representantes da filosofia grega. Merece destaque o capítulo em que resume as obras de Heródoto, tirando delas concepções relativas a diversas regiões do mundo, que vão do Danúbio ao Mar Cáspio, do sul da Rússia à Mesopotâmia e ao norte da África. Mais do que o “pai da História”, talvez deva Heródoto ser cognominado de “pai da Geografia”, tal o interesse que para esta matéria representam os nove livros que deixou.

Após sumariar outros autores gregos da época helenística, conclui que não é difícil perceber-se que a Geografia, entre os gregos, “apresentava duas tendências, que não se contrariavam, mas se completavam: de um lado, a Geografia Matemática, bem encarnada na valiosa contribuição dos matemáticos, astrônomo se cartógrafos; de outro, a Geografia Regional, simbolizada na preocupação de fixar a forma, a posição e extensão do Ecúmeno, como também a descrição de países e de seus habitantes” (págs. 139-140).

Dos romanos, refere-se particularmente a Tácito, a Plínio e a Estrabão, este procurando dar à Geografia um caráter prático, “porque serve às necessidades dos povos e aos interesses dos homens de Estado”. Enfim, a Geografia como a “boa conselheira dos governantes”.

como de certa feita escrevemos, parodiando o que da Estatística dissera o eminente prof. Luigi Galvani. Mais uma prova, aqui, do espírito pragmático dos romanos, que se reflete também na sua historiografia.

Graças aos esforços de fenícios, gregos e romanos, o foco inicial, limitado pela bacia do Mediterrâneo, ampliou-se consideravelmente, dissipando as terras que envolviam larga porção do velho continente. Uma terça parte de suas terras passou a ser conhecida. Quanto à evolução da Geografia, os maiores progressos registraram-se no campo da Geografia Astronômica, pois em relação à Geografia Física, as tentativas não passaram de modestos esforços, particularmente no que refere à Oceanografia, e à Climatologia. Tal o Ecúmeno e tal a Geografia que o homem da Idade Média recebeu como legado, “mas de que não se pode aproveitar integralmente quando não tornou ainda menor e desfigurou” (pág. 158).

Não sabemos se o autor pretende continuar o trabalho, tão bem iniciado, de divulgação da Geografia histórica e História da Geografia. Esperamos que o faça, uma vez que êle próprio, ao encerrar êste pequeno volume, insinua que o estudo da Idade Média abrangendo nada menos do que dez séculos de História da Humanidade, “constitui tarefa não menos fascinante e sedutora”. Resistirá a ela o prof. Aroldo de Azevedo?

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

SALVADOR (Frei Vicente do). — **História do Brasil, 1500-1627**. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke. 5a. edição comemorativa do quarto centenário do autor; apresentação de Aureliano Leite. São Paulo, Melhoramentos, 1965. 530 págs.

Com relação à **História do Brasil** de Frei Vicente do Salvador — a primeira obra no gênero escrita por um brasileiro — é o caso de dizer-se que não foi o Brasil, mas sim o livro do bom franciscano é que foi descoberto... por acaso! A história dessa **História** é conhecida. Ultimada em 1627, só foi publicada pela primeira vez em fins do século passado, quando seus originais foram encontrados “por acaso” numa coleção de manuscritos adquiridos por um livreiro do Rio de Janeiro. E’ o próprio Capistrano de Abreu, promotor da segunda edição da obra (1918) à qual acrescentou os eruditos “prolegômenos” e a não menos erudita introdução, quem relata essa história, triste demais para os nossos foros de cultura, do conhecimento de um dos maiores monumentos de nosso passado. Tanto mais que os originais (segundo parece certo) foram consultados por um homem da envergadura de Varnhagen, que os teria aproveitado convenientemente, não se dando ao trabalho nem de anunciá-los, nem sequer de citá-los.

Nas colunas do **Diário Oficial** de 23 de julho de 1886 foi publicado o primeiro capítulo da obra de Frei Vicente. No ano seguinte,